



O ECUMENISMO EM YVES CONGAR: UMA COMPREENSÃO DE REFORMA E TRADIÇÃO

José Maykel André Galvão¹
Ítalo Mateus Dutra de Oliveira²
Leonys Cristyan de Macedo dos Anjos³

Resumo

Este trabalho trata do pensamento de Yves Congar sobre uma Igreja ecumênica, tema muito relevante para uma realidade pós Vaticano II. Este trabalho tem como objetivo identificar as raízes desse pensamento no teólogo francês, além de percorrer aspectos de sua vida antes da academia, deve-se também relacionar com fatos que ele mesmo buscou para melhor entender os irmãos de outras denominações cristãs. Yves Congar não desenvolveu apenas seu pensamento sobre a natureza e a estrutura da Igreja, mais também sobre a sua história, dos quais o mais destacado é a divisão da Igreja. Assim, com a interrogação “Como reconstruir a unidade da Igreja”, o dominicano entrelaça seu pensamento ecumênico de modo a entendermos que a compreensão dos termos reforma e tradição podem nos dar as chaves necessárias à construção da via plena de comunhão. Tal vivência traça a realidade contemporânea da Igreja, onde se percebe pela sua caminhada histórica, que “reforma” sempre foi um evento que acena para “revolução”, como mudança da realidade que temporal e material e a “tradição”, que longe de um enrijecimento de pensamento, se trata de conservar aquilo que é da essência, do campo espiritual imutável. Uma vez que entendemos estas realidades podemos melhor compreender como a relação da reforma no teólogo francês pode revelar a plena vivência de uma Igreja fincada sob a relação trinitária e perfeita entre o Pai, o Filho e o Espírito. Esse trabalho é de caráter teórico, realizado com o apoio de bibliografia em relação ao tema, sobretudo livros e artigos científicos. Os resultados no momento atual apontam a Igreja anda ao encontro das diferentes comunidades cristãs, pois possuem fidelidade à única Fonte. Por meio do Espírito Santo, a catolicidade não promove a uniformidade, mas a comunhão.

Palavras-Chave: Yves Congar. Ecumenismo. Reforma.

¹ Graduando do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: maykel_pca@hotmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras-PB. Graduando do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: italo.mateussbpd@hotmail.com.

³ Graduando do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: leonysanjos@gmail.com.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

45

INTRODUÇÃO

Os extremos do pensamento sempre foram empecilhos para o desenvolvimento de alguma ideia, ou mesmo, de uma realidade. Com o avanço da história e com o aparecimento dos primeiros sinais de mudança na sociedade, a Igreja, que possui a sua vida material totalmente imersa dentro da realidade secular, sempre precisou dar respostas que unissem as duas realidades de modo a não sucumbir uma em um sincretismo desenfreado ou ser indiferente com uma mudança perceptível e iminente. O caminho traçado pelo teólogo francês, Yves Congar, nos faz entender as urgências de se repensar a forma com que lidamos com o mundo e, mais ainda, com os irmãos de denominações cristãs diferentes da nossa, mas que em muitos aspectos comungam de uma mesma crença em Jesus.

Este trabalho pretende, por meio do desenvolvimento de sua vida e compreensão dos termos Tradição e Reforma, entender como o dominicano reanimou a eclesiologia católica e fundamentou a realidade do ecumenismo em nossa sociedade, dando fundamentos para o *aggiornamento* acontecido com o Vaticano II. Nesta caminhada perceberemos que, estas faces de uma mesma realidade, são a chave para se viver uma catolicidade que leva a uma verdadeira vivência cristã.

1 A HISTÓRIA POR TRÁS DAS MUDANÇAS

Ao falarmos de Yves Congar (1904) é necessário ter em mente que o seu contexto já lhe permitia um vislumbre do que posteriormente ele iria lutar. O ecumenismo, causa maior de sua teologia, que está diretamente ligado a eclesiologia, e por sua vez, a toda a sua base teológica fundamental, a saber, sua Cristologia e Pneumatologia, como também a Trindade. Mas, antes disto, vemos que o seu desenvolvimento foi marcado por esse choque de realidades religiosas por ter crescido em uma comunidade, em sua maioria, protestantes. Todo seu contexto se



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

une a história do ecumenismo, que desde o fim do século XIX vê os esforços de alguns protestantes em criar uma relação onde se unam pelos fatores que os aproximam e não enfatizando as realidades que lhes causam a separação. Toda a sua teologia será de grande proveito para a elaboração dos pensamentos acerca do ecumenismo no Concílio Vaticano II. Seus esforços, que se iniciaram ainda em um período onde a Igreja se mantinha com a mentalidade guardada no período da Idade Moderna, pós Renascença⁴. É interessante que os pontos que Congar trabalha em seus estudos teológicos concordam com sua vida. A relevância que dá aos leigos e o seu papel ministerial na Igreja, uma vez que esta é a base de atividade dos protestantes. Mas é perceptível que, por mais que esta preocupação possa vir a ter surgido num meio que não se exista, de modo visível uma hierarquia, Congar não se desfez da hierarquia católica, pelo contrário, é no entendimento de suas funções, ou melhor, seu caráter ministerial, que se pode entender o seu lugar na Igreja. É bastante comum a semelhanças com a teologia paulina onde nos faz entender a beleza e riqueza que se esconde por trás da relação entre os vários indivíduos diferentes que formam o todo da Igreja.

Destarte, quando pensamos o ecumenismo na vida de Yves, de fato estamos perante um dos sinais do tempo para a renovação da forma de se lidar consigo mesma e com as outras realidades que se encontram fora da Igreja, até porque, ecumenismo, não se propõe em ser um movimento prosélito muito menos sincrético. No entendimento de que ecumenismo se trata de uma busca de mecanismos e ferramentas que tornem a relação entre os cristãos mais “cristã”. É na

⁴ É interessante percebermos que a cisma criada pela Igreja em se abrir para uma comunicação com outras realidades se tornou algo muito delicado, dado que os acontecimentos que marcaram a transição da Idade Média com a Modernidade foram graves para a realidade essencial e tradicional da Igreja. devemos entender que ecumenismo não era um termo comumente utilizado no meio eclesial. Segundo a História do ecumenismo este termo passou a ser utilizado no período moderno como uma medida para preservar a ação missionária dos protestantes, que perceberam que a grande disparidade de informações que saíam das falas dos “cristãos” causaram uma confusão, principalmente para o povo, no sentido de que: como podem anunciar o mesmo Cristo se a fé é tão volátil de um grupo em relação ao outro? Mediante a isto, missionários da África passaram a se preocupar em criarem uma comunhão visível entre os cristãos para que as semelhanças fossem evidenciadas. Das grandes igrejas, a Católica foi uma das últimas a incorporar o conselho mundial, não por parte de alguns padres, como o próprio teólogo, que aqui é posto em estudo.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

47

busca da fé que nos une que podemos verdadeiramente encontrar uma forma sadia e respeitável de diálogo que possa ser caracterizado como uma verdadeira manifestação da ação ecumênica. Mas, mais que a abertura para um diálogo externo à Igreja, devemos entender que entre o seu seio, a religião também precisa manter a unidade que a faz um só corpo e isto dá, na acolhida da fé e dos ensinamentos do Magistério.

2 “RECONSTRUIREI O TEMPLO”

Junto com as guerras mundiais, enquanto Congar se descobria em seu serviço como pregador e no seu ideal de uma Igreja ecumênica, crescia também os esforços de outras igrejas em mostrar para o mundo que a unidade é a verdadeira marca do cristianismo. O pensamento ecumênico de Congar é essencialmente baseado em uma eclesiologia que tem seu desenvolvimento no ano de 1929, com a publicação de seu trabalho sobre a unidade da Igreja. Esse pensamento era muito forte por cota das experiências que havia vivido, sendo elas as suas amizades com crianças de outros credos e seus pequenos discursos sobre a Missa. Logo após, e muito forte, foi as atrocidades da primeira guerra que contrastaram a unidade dos irmãos separados que ajudaram, abrindo as suas igrejas para acolher os católicos.

Percebemos que deste sua infância já eram perceptíveis que a disparidade entre religiões não impedia o relacionamento de Congar com os demais onde o mesmo cresceu, mas sim apontava para mudanças necessárias em relação ao modo de como se deve comportar o diálogo entre os cristãos. Já na Igreja a possibilidade de diálogo com as demais realidades cristãs se desenvolveu de modo muito sutil e desconfiado. Vemos nos papados anteriores a São João XXIII alguns pontos sobre uma possibilidade de participação da Igreja no movimento ecumênico, e junto com essas tentativas o teólogo francês também desenvolvia trabalhos neste sentido, que por conta de suas ideias, além de seu tempo, sofreu com os impedimentos da Igreja, até mesmo chegando a um período de exílio.



I SEMANA NACIONAL DE
**TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO**

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

48

Mas nosso trabalho, por mais que seja visível a importância de todo o seu conteúdo e mais ainda a ligação que toda a sua teologia cria a cerca de ecumenismo, quer mostrar como se dá a realidade entre Tradição e Reforma, junto às ideias ecumênicas que marcam, não somente uma visão de uma Igreja que precisa olhar para os sinais do tempo e perceber que há realidades que precisam ser superadas para que o tesouro espiritual imutável seja reservado. É neste sentido que podemos chegar a uma verdadeira vivência ecumênica, saber preservar o que é de essência e poder, em prol do diálogo, atualizar a forma de agir frente à realidade secular.

3 TRADIÇÃO E REFORMA, AS CHAVES DO CÉU E DA TERRA

Neste contexto, para entender a dinâmica do ecumenismo é necessário percebermos que sem a renovação proposta, além da forma de pensar de vários teólogos do século XX, Yves foi peça chave para entendermos que

Esta vida da Igreja, como manifestação da obra de Deus, não é estática, mas existe numa história em desenvolvimento que se concretiza no tempo. Ta como na natureza tudo começa por germen que se desenvolve por etapas até à plenitude: desde as promessas feitas a Abraão até o final da história em que toda a humanidade estará recolhida no seio do Pai, o Povo de Deus está em marcha, numa estreita colaboração na história da ação de deus e do homem. (COUTO, 2004, p. 170)

Dentro do pensamento congariano, uma das questões que se destaca é a sua visão sobre dois aspectos inseparáveis da história e da realidade eclesiológica, a saber, Tradição e Reforma. Neste ponto trabalharemos como são pensados estes dados pelo autor e como eles se correlacionam dentro do contexto ecumênico. Uma vez pensado como realidades opostas por Heráclito e Parmênides, seguindo o contexto histórico filosófico, percebemos que a realidade entre essência (o dado



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

49

imutável) e ente⁵ (o “ser determinado” (MOLINARO, 2000, p. 8.), objeto mutável que se encontra em contato direto com a realidade material) são analogicamente ligados à compreensão de Tradição e Reforma, respectivamente. Sobre esta questão, Couto vai nos dizer que “Tradição e Reforma não se excluem, mas antes cada uma tem a sua parte no desenrolar da história da Igreja” (2004, p. 171).

Ambas seriam faces de uma mesma moeda, e se encontram ligadas no sentido que nenhuma anula o efeito ou sentido da outra, visto que ambas se tratam de uma verdade existente num mesmo contexto. Quando o pensador vai falar sobre Tradição ele não a reduz ao sentido de algo conservador, mas supera o termo pejorativo uma vez que a leva para o campo de algo “transmitido de forma irrevogável, que foi dado pelo próprio Deus e se conserva fielmente” (COUTO, 2004, p. 170.). Tratamos então de uma realidade essencial, ou seja, que se encontra no cerne da realidade eclesial do catolicismo e, que sem ela deixaria de ser o que é. Em outras palavras, seriam competências divinas que não permitem, por sua natureza, a intervenção humana⁶.

Em contrapartida⁷ temos o aspecto reformador, que em alguns textos e autores pode ser visto como revolução, mas que em Yves assume o papel de caracterizar a mudança referente aos dados que são mutáveis. Tocamos neste ponto as conjunturas temporais⁸ que o autor vai caracterizar como “a vida concretizada nas instituições temporais, a administração, os usos e tradições eclesiais, os ritos e a própria hierarquia (não nos seus poderes irreformáveis) na sua forma de viver e de se organizar, isto é, a Igreja no tempo”⁹.

A Igreja necessita de reformar-se continuamente para vencer uma dupla tentação permanente: o *farisaísmo*, entendido como absolutização dos meios em detrimento dos fins ou a forma sobrepondo-se ao espírito, e de *tornar-se sinagoga*, fazendo-se

⁵ Termo referente a Aristóteles como uma realidade em potencial que se dá na mutabilidade.

⁶ *Ibid.*

⁷ Mas não entendendo como algo contrário a realidade tradicional.

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

50

prisioneira de formas e fórmulas do passado que perderam com o tempo o sentido e a finalidade original. (COUTO, 2004, p. 173).

Estas duas realidades, ainda não superadas pós-Concílio Ecumênico Vaticano II, são contribuição para que o verdadeiro diálogo entre cristão não se desenvolva. Sendo assim, sempre se percebeu tamanha dificuldade no relacionamento entre a Igreja e demais denominações cristãs, conforme o ecumenismo, o problema se encontra em não identificar, e por sua vez trabalhar, os acenos que poderiam mudar neste novo contexto. Logo, se achava que qualquer movimento na forma com que a Igreja agia e pensava seria um agrave direto a todas as suas instituições. Mas desde o início do século XX mudanças viam sendo gritadas no seio da Igreja, não somente no campo ecumênico, mas também no âmbito litúrgico, com o movimento litúrgico.

Com a devida compreensão do que é Tradição e Reforma se pode pensar de modo mais concreto as realidades em que a Igreja deveria ter em mente a sua alteração. Isto se concretiza com o Concílio Vaticano II que junto com o retorno de Congar ao meio acadêmico, legalmente, marca uma nova fase na vida da Igreja onde entendemos que a temporalidade toca a mutabilidade e deve ser observada para que o é sagrado e intocável em nossa fé seja preservado.

Este chamado à Reforma contínua da Igreja – *Ecclesia semper reformanda* -colocou Yves Congar em atitude de diálogo com os “Outros” cristãos não católicos. Assim a eclesiologia congariana está permanentemente numa Reforma da Igreja na Tradição. (COUTO, 2004, p. 174).

Este “reformular-se” se encontra no seio do pensamento atual das questões ecumênicas, uma vez que se entende que, para haver de fato o ecumenismo, é necessário que a capacidade de vivência com o outro supere a realidade de ser somente um método de abordagem do diferente. Neste sentido, Couto relata que a “Reforma da Igreja aparece, assim, como um dos princípios fundamentais, para Congar, desenvolver a sua teologia do ecumenismo, pois o próprio ecumenismo



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

51

supõe um movimento de conversão e de reforma coexistente à vida de todas as comunhões cristãs” (2004, p. 176).

CONCLUSÕES

Por fim, o percurso histórico de Congar e suas experiências entre os vários campos religiosos lhe levaram a refletir, e pela práxis, vislumbrar um caminho eficaz para a realização de um verdadeiro ecumenismo. Pensamento este que será de grande importância para a construção das bases do *aggiornamento* proposto pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Sendo assim, pudemos constatar, segundo as palavras do autor em estudo, que o entendimento e a correta utilização dos termos Tradição, compreendido como toda a reserva espiritual deixada por Deus para ser conservada na posteridade, e Reforma, concebido como o meio de responder os sinais dos tempos, uma vez que a Igreja é componente visível no meio secular que historicamente se desenvolve e se reconfigura, possibilitam uma visão mais clara de como o ecumenismo pode ser verdadeiramente um sinal de unidade sem tocar nos campos do proselitismo e sincretismo.

Nos últimos cinquenta anos, a palavra ecumenismo tomou lugar de destaque no cenário pastoral da Igreja. O diálogo em busca de uma verdadeira unidade cristã, torna-se fonte de esperança no sentido de que a vontade de Cristo, de “que todos sejam um” (Jo 17,21), possa ser uma realidade concreta e visível, testemunho do amor deixado por Jesus e do seguimento de seus desígnios.

REFERÊNCIAS

COUTO, A. Sílvio. **A Igreja peregrina à luz da Trindade na eclesiologia de Yves Congar**. Didaskalia. Lisboa. ISSN 0253-1674. 34:2 (2004) 145-194.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Igreja, Lumen Gentium. São Paulo: Paulus, 1998.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

52

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre o ecumenismo, Unitatis redintegratio. São Paulo: Paulus, 1998.

MOLINARO, Aniceto. **Léxico de Metafísica**. Trad. Benôni emos, Patrícia G. E. Collina Bastian. São Paulo: Paulus, 2000.

MORAES, Eva A. R. de. A Eclesiologia de Comunhão de Yves Congar e sua Relevância para a Igreja de Hoje. *Atualidades Teológica*. Ano XI nº 26, maio/agosto 2007, pp. 157-193.